



Ensino Religioso: para explicar melhor, conte uma história

Religious Education: to explain better, tell a story

Maria Celina de Queirós Cabrera Nasser

Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo (PUC-SP), São Paulo, SP - Brasil, e-mail: macelina@uol.com.br e mcnasser@puccsp.br

Resumo

O Ensino Religioso, ou o ensino que encontra sua matéria-prima na experiência religiosa, trabalha com um conteúdo que diz respeito à espiritualidade, isto é, à dimensão mais profunda do ser humano. É esta dimensão que nos permite estabelecer a relação de transcendência, ou seja, a experiência da transcendência. A linguagem, campo do pensamento, organiza as ideias e as experiências para expressá-las por meio de uma comunicação que lhes seja fiel e compreensível para o outro. A linguagem simbólica talvez seja a melhor forma de expressar a experiência da transcendência, é a ponte que faz o ser humano ir além de si, do mundo, da história. Como trabalhar com conteúdo tão profundo? Para explicar melhor, conte uma história.

Palavras-chave: Linguagem simbólica. Religiosidade. Ensino religioso. Didática.

Abstract

The Religious Education, or the discipline which key element is the religious experience, works with content that relates to the spirituality, the deepest dimension of human beings. This dimension allows us to establish relationship of transcendence, in other words, the transcendence experience. The Language, mind's domain, organize ideas and experiences to express them through an appropriate communication, that is both faithful to them as understood by others. The symbolic language is probably the best way of express the transcendence experience. It is the bridge that makes mankind go beyond itself, the world and the history. How can we work with such a deep subject? To explain better, tell a story.

Keywords: *Symbolic language. Religiosity. Religious Education. Didactic.*

Este texto expressa as reflexões nascidas de minha experiência em sala de aula, durante mais de 30 anos de magistério, e que estão presentes em dois livros (NASSER, 2003, 2006), frutos desta jornada. Minha história tem início no curso de Letras, o que, mais tarde, após estudos sobre filosofia da educação e fenômeno religioso, forneceu os subsídios para o embasamento das reflexões sobre a linguagem simbólica. Encontrei na narrativa (organização do pensamento que conta uma história) um dos recursos mais eficientes para explicar algo. Contar história é nosso ato primordial para explicar as coisas. A mitologia fez isso quando buscou explicar a origem do universo e do ser humano, assim como o nascimento dos sentimentos e emoções. A narrativa também nos dá conforto nos momentos de aflição e encontra um roteiro quando há um excesso de emoção. Vamos ver a seguir como isso acontece. A indicação é: para explicar melhor, conte uma história.

Para começo de conversa

Para chegarmos à proposta que será aqui apresentada, inicialmente precisamos estabelecer pontos de partidas. O primeiro deles diz respeito à compreensão que temos do ser humano. Em uma visita a Henrique Cláudio

de Lima Vaz (1992), encontramos o ser humano como um *ser de relações*. Para que essas *relações* aconteçam são necessárias *estruturas*. Para Lima Vaz (1998), o ser humano é constituído de três estruturas: corpo físico, psiquismo e espírito. Cada uma dessas estruturas permite que seja estabelecida uma relação correspondente: objetividade; intersubjetividade e transcendência. Um quadro pode facilitar:

Quadro 1 - Estruturas do corpo e relações correspondentes

Estrutura	Relação
Corpo físico	Relação de objetividade
Psiquismo	Relação de intersubjetividade
Espírito	Relação de transcendência

A linguagem é o meio no qual estas relações acontecem. Assim, na relação de objetividade encontramos o *monólogo* e o *discurso*; na relação de intersubjetividade, o *diálogo*; e na relação de transcendência, a *linguagem simbólica*. Como isso acontece é o que veremos a seguir. Primeiro vamos falar um pouco de cada estrutura e a relação correspondente, depois comentaremos sobre a linguagem.

Corpo físico e relação de objetividade

O corpo físico é a dimensão constitutiva do ser humano. A corporalidade é assunto da história das culturas, das civilizações, das religiões, das filosofias, das ciências humanas, sendo um tema muito interessante de ser trabalhado. A presença do homem no mundo, que é imediata, sem mediação e natural, se faz pelo corpo, uma totalidade físico-orgânica que, apesar de funcionar independente da vontade, também possui uma totalidade intencional:

- Totalidade físico-orgânica: *estar no mundo*. O tempo é o cronológico (Cronos), sequencial. Aqui encontramos os sistemas do nosso corpo: neurológico, digestivo, reprodutivo, circulatório, entre outros, funcionando sem que precisemos dar uma ordem explícita;

- Totalidade intencional: *ser com o mundo*. O tempo tem significado (Kairós). Aqui o corpo possui uma intenção, nós damos uma intenção ao nosso corpo, é a vontade entrando em ação.

Por existir a totalidade intencional, ocorrem níveis de reestruturações no corpo, ou seja, somos capazes de interferir e alterar nosso corpo físico, dando-lhe um sentido (significado e direção) diferente. Essas reestruturações atingem os campos: físico-orgânico; psíquico; social e cultural, na dimensão do espaço-tempo.

- Reestruturação do espaço-tempo *físico-orgânico*: podemos reestruturar a postura (espaço) e o ritmo (tempo), dando-lhes o sentido (significado e direção) que queremos. A sexualidade passa da esfera biológica para o domínio do corpo intencional (corpo próprio, como é chamado pela psicologia);
- Reestruturação do espaço-tempo *psíquico*: a afetividade dá sentido ao espaço-tempo, por meio do sentimento, da emoção, da imagem. A sexualidade é modelada por meio da afetividade;
- Reestruturação do espaço-tempo *social*: sinal, gesto ou linguagem aparecem com intencionalidade. A sexualidade encontra sua forma social de tradução em comportamentos aceitos como corretos (moral) e em signos estabelecidos pelo grupo. Como exemplo, temos os signos considerados mais sexuais em cada grupo social e em cada época;
- Reestruturação do espaço-tempo cultural: modelo corporal (Gestalt) em determinada cultura ou tradição cultural. Exemplo: modelagem física; ginástica; jogos; etiqueta; moda.

Esse corpo físico permite o estabelecimento da *relação de objetividade*. A objetividade aqui é compreendida como a abertura do homem à realidade com a qual estabelece uma relação não recíproca, isto é, não há uma resposta imediata. O homem descreve o mundo; imita os sons que ouve; estabelece um monólogo. O olhar e a fala não têm retorno nem respostas. A única resposta que o homem tem é o eco, isto é, a repetição do que fala. E para compreender melhor esta relação, vamos contar uma história. Na mitologia grega, uma versão conta que a ninfa Eco teria desviado a atenção de Hera, esposa de Zeus, enquanto este cortejava as suas irmãs, e por isto teria sido

castigada, tornando-se aquela que não sabe falar em primeiro lugar, portanto, só pode conversar com alguém se este alguém primeiro lhe dirigir a palavra. Eco só repete os últimos sons da voz que lhe chega. Desesperada por não poder declarar seu amor a Narciso, refugia-se nos bosques e grutas. Se você quiser encontrá-la, basta entrar em uma gruta e chamar por ela. Com certeza ela responderá.

Narciso era muito belo e todas as ninfas eram apaixonadas por ele, mas ele não queria o amor delas. As ninfas, então, pediram a Afrodite, deusa do amor, que fizesse com que Narciso se apaixonasse pela própria imagem. E foi isso que aconteceu quando Narciso, ao ver sua imagem refletida nas águas de um lago, apaixonou-se, e, na tentativa de encontrar a fonte de seu amor, mergulhou e afogou-se no próprio reflexo.

Assim, a relação de objetividade é aquela que estabelece a verdade no espelho (só é bonito o que é espelho) e no eco. O bom que é belo e verdadeiro está no espelho e no eco, por isso a ação é unívoca, não tendo nem esperando retorno.

Mas quando um outro olhar passa a nos olhar, e este olhar não é o de um espelho, nem de um reflexo; quando uma outra fala, e não é um eco, mas uma resposta, temos a presença do outro. Um outro que também olha a realidade e a descreve para nós, que não apenas imita os sons, mas dirige esses sons para nós e espera uma resposta. A presença do outro e a consciência da sua existência, uma vez que sabemos que ele existe, estabelece uma nova relação – a *relação de intersubjetividade*. Tem gente dentro do corpo físico!

Corpo psíquico e relação de intersubjetividade

O domínio do psíquico apresenta igualmente uma face voltada para a exterioridade objetiva do mundo por meio do corpo próprio e do corpo como organismo. O psiquismo está constitutivamente ligado a órgãos e funções corporais, mas aqui é considerado como primeiro estágio de interiorização do mundo no sujeito ou de constituição de um mundo interior. A presença do homem no mundo como situação fundamental não se fará mais, do ponto de vista do psiquismo, pela imediatez do corpo, mas pela mediação deste mundo interior, no qual o corpo é suprassumido dialeticamente (VAZ, 1992, p. 198).

Assim, o psiquismo é uma presença mediata, pois é mediatizada pela percepção e pelo desejo. É a expressão intencional da figura interior. É nosso mundo interior. O domínio do psiquismo é onde começa a delinear-se o centro da interioridade do homem: a consciência. É daí que emerge o Eu (consciente e inconsciente). Psiquismo é a captação do mundo exterior e tradução ou reconstrução deste mundo em um mundo interior que se edifica em dois grandes eixos: imaginário e afetivo. Espaço e tempo sofrem o movimento de interiorização, passando a ter dimensões do sujeito. São as possibilidades de reestruturações de que falamos acima.

É o psiquismo que permite a existência da *relação de intersubjetividade*. A intersubjetividade pressupõe a presença do *Outro* que possui um *olhar*, uma *fala e espera uma resposta*; é uma relação entre duas infinitudes intencionais. Para que ocorra o *diálogo*, é necessário reconhecer o outro como sujeito inteiro com entrega, esperança e confiança.

Martin Buber (1977) explica essa relação por meio de níveis: o encontro, o consenso espontâneo, o consenso reflexivo e a comunicação intracultural.

- Encontro: gratuidade do dom de si, na realidade do amor e fidelidade. Eu-Tu. Encontro em que os sujeitos são inteiros e não incompletos, mas inacabados, como nos diz Leonardo Boff (1997). Se compreendermos que um completa o outro, na ausência deste um, o outro sente um imenso vazio e morre. Este é um exemplo do amor romântico. Somos seres inteiros, mas inacabados, e o outro nos ajuda a sermos cada vez mais inteiros;
- Consenso espontâneo: realiza-se na amizade do Eu-Nós. O amigo é alguém muito especial; com ele, nunca estamos sozinhos;
- Consenso reflexivo: realiza-se na virtude de justiça e o seu campo é a política. O bom, o belo e o justo são verdadeiros não mais como espelho, mas construídos no diálogo. É a relação nos grupos sociais;
- Comunicação intracultural: realiza-se nas relações históricas, ao considerar o diferente como sujeito e não a encarnação do mal, por exemplo.

Porém, quando existe um excesso de ser humano que não se esgota, e, por não se esgotar, não se satisfaz tão fácil, é a dimensão da espiritualidade que o acolhe.

Corpo espiritual ou espiritualidade e relação de transcendência

Espírito não é uma noção antropológica, mas uma noção homóloga (próxima) à noção de SER (uno; verdadeiro; bom). O espírito é o lugar de acolhimento e manifestação do SER e do consentimento do SER. É pelo espírito que o homem participa do Infinito ou Transcendente ou tem a marca do Infinito ou Transcendente em si. Às vezes, temos dificuldades em compreender o espírito. Ao longo da história do ser humano, foram sendo construídas algumas compreensões:

- *pneûma*: sopro ou respiração; força vital. Princípio interno de vida ou forma superior de vida;
- *noûs*: atividade de contemplação (*theoría*); visão em profundidade (*intellectus*);
- *logos*: razão universal ou ordem universal que está presente nas origens do pensamento filosófico. Aqui se estabelece a relação entre espírito e palavra. A palavra inteligível é a manifestação do espírito que confere uma vida propriamente espiritual à palavra proferida, sobretudo no diálogo, e à palavra escrita;
- *synesis*: consciência de si.

É no ponto de encontro desses quatro aspectos (vida, inteligência, ordem da razão e consciência de si) que se unificam os traços fundamentais da experiência espiritual.

Experiência espiritual – é o que nos faz *ser humanos*, perpassando o corpo (somático) e o psíquico (alma), por meio da relação de transcendência. É a relação de transcendência que monta a totalidade do ser humano.

Transcender é um ir além que não se restringe ao ir além temporal ou espacial. É o ir além do SER humano, por isso um ir além ontológico. Quando há um excesso de vida em nós, quando nem o corpo físico nem o corpo psíquico dão conta de compreender a vida, transcendemos e nos relacionamos com o Transcendente.

A relação de transcendência que somos capazes de estabelecer representa um mapa de navegação que está escrito em nós, pois temos o infinito em nós. Nada nos basta, tudo é sempre pouco quando a festa é uma celebração para o alimento da vida.

Com este mapa, talvez, soframos menos naufrágios e perdas da alma (psiquismo). Assim como a Fênix, pássaro que se consome no seu próprio fogo e renasce das cinzas, reorientamos a nossa vida a cada tropeço, a cada queimadura.

Com essa rápida definição de ser humano, que pode ser transformado em pequenos grandes estudos, vamos passar para o nosso segundo ponto de partida, que é a compreensão de linguagem simbólica.

Linguagem: matéria do pensamento e meio em que ocorrem as relações¹

A linguagem é campo do pensamento. Toda vez que se fala em linguagem, deve-se remeter ao pensamento. O pensamento (DAMÁSIO, 2000), por sua vez, precisa de uma forma para expressar-se, uma vez que ainda não somos capazes de leituras telepáticas ou transmissões de pensamentos para nos comunicarmos. Assim, o pensamento é organizado pela linguagem. É ela que coloca em ordem o pensamento para que ele seja possível e passível de ser compreendido pelo outro.

Qualquer que seja o momento histórico, “a linguagem é uma série de sons articulados, mas também é um conjunto organizado de marcas escritas (uma escrita) ou um jogo de gestos (gestualidade)” (KRISTEVA, 1988, p. 14). A construção de uma forma de comunicação entre os homens propiciou a organização e o desenvolvimento das ações, na formação dos grupos sociais, das sociedades, e sua localização no tempo e no espaço.

Assim, podemos afirmar que a linguagem (conjunto de sons articulados, marcas escritas e gestos) é uma realização do pensamento e da experiência humanos, na sua totalidade, além de ser um elemento próprio da comunicação social, para a construção das sociedades. Portanto, a linguagem é o meio no qual as relações humanas acontecem, como já afirmamos acima.

A narrativa é a primeira forma que nós encontramos para explicar o que nos rodeia. A descrição facilita saber o que são as coisas, mas é a narrativa que explica sua origem. Já a dissertação requer um maior grau de abstração, pois trabalha com conceitos. Diante de um problema, contamos

¹ Trechos retirados do livro de Nasser (2006).

para um amigo, por exemplo, o que ocorre. Esse amigo escuta e muitas vezes nos conforta com outra história. Esse foi o recurso encontrado pela mitologia (narrativa que coloca ordem no caos) para explicar a origem do universo e do ser humano.

Vamos contar um pouco dessa história:

O poeta grego Homero (*circa* 1000 a.C.), nas suas obras *Iliada* (poema histórico sobre a guerra de Troia) e *Odisseia* (anos de peregrinação de Ulisses, após a guerra de Troia), e Hesíodo (século VIII a.C.), que escreveu a *Teogonia*, narram como eram os gregos e sua origem. Os gregos moldaram os deuses à sua imagem. Toda arte e pensamento da Grécia se concentravam no ser humano. Por isso, os deuses gregos são humanizados com reações sempre exageradas e extremadas. Para os gregos, o universo criou os deuses. O céu divino era um lugar agradavelmente familiar. Para Mircea Eliade (1991), o mito conta uma história sagrada, relata um acontecimento ocorrido no tempo primordial, o tempo fabuloso do princípio, quando não havia a distinção entre espaço/tempo. O mito narra como, graças às façanhas dos Entes Sobrenaturais, uma realidade passou a existir. É sempre a narrativa de uma criação.

No princípio era o Caos (energia); o Tártaro (abismo vasto, imenso e profundo), violento como um mar escuro, devastador e selvático; e Gaia (Terra). Do Caos veio a Noite (Nix), a escuridão (Ébero) e a morte; e o Amor (Eros). Da noite veio o ar (Éter) e o Dia (Emera). Mãe Terra (Gaia) gera o Pai céu (Urano).

Urano deitava-se constantemente sobre a Terra, não deixando espaço entre os dois. Da união de Gaia com Urano, nasceram os monstros pré-humanos, os Titãs, as Titânidas (Teia, Reia, Tétis) e os Ciclopes. Todos permaneciam sempre dentro de Gaia.

Um dos Titãs, Crono (que também representa o tempo), com a ajuda de sua mãe Gaia, que lhe prepara uma foice, e de outros monstros, enfrenta Urano, cortando seus órgãos genitais, lançando-os ao mar. Esta é considerada uma das origens de Afrodite. Com a dor, é criado o espaço entre o céu (Urano) e a terra (Gaia), e o tempo aparece.

Crono uniu-se à sua irmã Reia e, com medo de que seus filhos o derrotassem, como ele havia feito com seu pai, comia-os (o Tempo como devorador de tudo, principalmente da juventude, beleza e poder). Reia, para salvar um dos seus filhos, embrulha uma pedra como se fosse uma criança e dá para Crono comer.

Zeus, o filho salvo, é criado longe do pai, e, quando cresce, volta para enfrentá-lo, cumprindo a maldição que Urano havia jogado em Crono. Zeus, disfarçado, oferece uma poção a Crono que faz com que vomite seus irmãos e irmãs (Possêidon, Hades, Hera, Deméter e, por fim, Héstia). Inicia-se uma guerra violenta entre Crono e Zeus. Crono chama os Titãs, filhos da terra; Zeus chama seus irmãos e alguns titãs, como Oceano, que ficou ao seu lado. Temos a Primeira Guerra Mundial de Titãs (pai contra filhos). Os filhos vencem. O mundo, então, fica assim dividido entre os irmãos: Zeus escolhe o céu e a superfície da Terra; Possêidon fica com as águas dos mares e oceanos, e a Hades cabe o mundo inferior ou as profundezas da Terra; para alguns, o inferno. Cada deus reina em seu mundo e... mas isto é uma outra história, que fica para uma outra vez.

Nesta rápida narrativa, encontramos exemplos e explicações de fatos que ocorrem até hoje com o ser humano: seja a briga com o tempo (Cronos) na tentativa de controlá-lo, buscando a eterna juventude; a luta pelo poder nas empresas familiares em que os membros se devoram; a proteção dos filhos pelas mães, e outros tantos exemplos, que ficam mais fáceis de serem compreendidos quando se conta uma história.

Além disso, sendo a linguagem o meio no qual ocorrem as relações humanas, ela possibilita a organização do pensamento, favorecendo o conhecimento e o autoconhecimento dos homens e mulheres, ao longo das épocas e civilizações. A linguagem organiza e exercita o pensamento; expressa as experiências e constrói a história por meio da Memória. O esquecimento desorganiza e desorienta os homens, que, sem a lembrança do passado, expresso por meio da linguagem e concretizado em uma língua com a palavra, não podem construir o futuro e reconhecer o presente. Com a perda da memória, perde-se o que de mais pessoal e próprio possuímos, que é a nossa identidade e, como decorrência, a nossa história.

Para Vygostky,

a relação entre o pensamento e a palavra é um processo vivo; o pensamento nasce através das palavras. Uma palavra desprovida de pensamento é uma coisa morta, e um pensamento não expresso por palavras permanece uma sombra. A relação entre eles não é, no entanto, algo já formado e constante; surge ao longo do desenvolvimento e também se modifica (VYGOTSKY, 1989, p. 131).

O Tempo,² tema tão complexo para nossa compreensão, na linguagem passa a ter um sentido, seja enquanto significado, seja enquanto direção. Os verbos, que expressam as ações, indicando o momento em que elas ocorreram, possuem um tempo específico. Porém, reduzir o tempo ao tempo verbal gramatical não só simplifica um problema de grande complexidade, mas também deixa de lado a temporalidade do tempo. O que se tem, ao analisar o tempo na linguagem, é a tentativa de localizar um fato no momento em que ele ocorreu ou ocorre ou está ocorrendo; o que não significa congelá-lo nesse tempo ou ter domínio sobre ele. Lembremos, apenas, que a eternidade não é um tempo longo sem fim, mas a ausência do tempo.

Por exemplo, o tempo na criação do mundo poderia ser olhado através do Verbo: Deus cristão é Verbo, autogerou-se, por ser ação pura. Do Verbo vieram os nomes – a criação. E o Verbo se fez carne, fez-se nome – o Homem, Sua criação. “Deus se fez humano para que o humano se fizesse Deus” (BOFF, 1997, p. 161).

A linguagem está presente na nossa vida e em todas as relações que o homem estabelece, descritas acima. Resumindo, na relação com o mundo, a linguagem aparece como expressão deste mundo na forma de *discurso* (relação de objetividade), e é quando o homem descreve e dá nome ao mundo.

Na relação com o outro, a linguagem se apresenta como *diálogo*. É quando o homem diz ao outro quem ele é, e responde quando este pergunta. Nesta relação, expressam-se os seres humanos políticos, econômicos e sociais. Na relação entre as pessoas, chamadas de sujeitos, é por meio da linguagem que se dá a resposta e o reconhecimento de quem sou. Na resposta do outro, re-conheço, ou seja, conheço de novo, a mim mesmo. Esse mesmo diálogo ocorre em cada um de nós, no nosso mundo interior (psiquismo), quando conversamos conosco.

Quando nós estamos plenos de alegria ou de tristeza, quando algo nos acontece que parece ser maior do que nós, quando nós transbordamos de nós mesmos, precisamos conversar com alguém que nos compreenda. Nesse momento, pode ocorrer um diálogo com um amigo ou amiga, isto é,

²Sobre o “tempo gramatical dos verbos, tempo rítmico, tempo sagrado e tempo profano” (REHFELD, 1988, p. 37-61). Sobre o tempo e a história, ver Domingues (1996, p. 89), que alerta que “tratar o tempo da história a partir do paradigma da linguagem um pouco é tratar o tempo histórico como tempo gramatical ou tempo do verbo.” Sobre o tempo e a música, o livro de Beaini (1994) é uma obra marcada pela sua profundidade e pela beleza.

com alguém que nos ame. Porém, como expressar o que estou sentindo e pensando se nem eu mesmo consigo entender? Neste momento usamos os símbolos. A linguagem simbólica, portanto, é uma ponte que liga o homem ao outro homem no que de mais humano cada um possui.

A linguagem simbólica acontece quando, ao invés de conter um sentido objetivo e apreensível, ocultamos um sentido invisível e mais profundo e que não pode ser expresso diretamente. Assim, a linguagem simbólica vai além do nome que identifica o objeto, ampliando seu sentido, dando-lhe novo significado e direção. A linguagem simbólica é usada quando se esgotam as expressões comuns, quando o desconhecido está presente. É a linguagem dos poetas, artistas, é como nos comunicamos com o Transcendente.

Para a compreensão da linguagem simbólica, nada melhor que usar um símbolo. O símbolo da *ponte* representa um belo significado, na medida em que permite a passagem de um lado para outro; ao mesmo tempo, é um mediador e faz a passagem entre dois estados diferentes. Assim será compreendida a linguagem simbólica, como uma ponte.

Sintetizando, através do Batismo (sacramento), o homem recebe um nome que o diferenciara, e, ao ser chamado, será reconhecido por Deus. Da mesma forma, o homem nomeia as coisas para ser reconhecido nelas. Ao criar os símbolos, o homem expressa o que não tem nome, dando vida à sua criação. Mas o homem precisa da memória para que se lembre de si, dos outros, do mundo, construa a sua história e recorde do criador (REHFELD, 1988).

Talvez o Criador tenha colocado na criatura a capacidade de transcender para poder comunicar-se com ela. Deu a ela o mapa para orientá-la. Através da memória, podemos lembrar de um tempo fora do tempo, anterior ao hoje. A memória também é ponte, assim como a linguagem simbólica, para que uma caminhe sobre a outra sem constrangimentos, com total familiaridade e entrosamento.

A linguagem utilizada nesta comunicação estrutura-se nessa capacidade. Capacidade de dizer o indizível. Ao bloquear essa linguagem, interrompe-se a comunicação com o Criador. Sem ponte para atravessar o abismo que separa os homens do Transcendente, resta o isolamento, a solidão, a estagnação.

A transcendência, como experiência, revela a dimensão mais divina do ser humano, marcando todas as suas ações, impelindo-as para o Bem e a Verdade. Como comunicar essa dimensão, essa relação e essa experiência de transcendência? A linguagem é a expressão da alma e a linguagem simbólica

se apresenta como uma porta que abre caminho para que a transcendência se manifeste. O símbolo, como aqui é compreendido, é um atalho de acesso ao Transcendente. Um veículo capaz de transportar o indizível e torná-lo, pelo menos, externo e, assim, aos poucos sendo desvelado.

O símbolo busca traduzir o mistério e recorre à linguagem simbólica para sua expressão. E a expressão em sua própria língua realiza o mistério da própria Vida.

E o Ensino Religioso?

Relacionando os conteúdos apresentados, podemos afirmar que o Ensino Religioso trabalha com conteúdos da dimensão mais profunda do ser humano – a espiritualidade e a relação de transcendência. Considerando que o meio em que ocorre essa relação é o da linguagem simbólica, para explicar melhor, conte uma história.

Como vimos, desde há muito tempo contamos histórias para explicar quem somos, de onde viemos e como estamos enfrentando os desafios do mundo e da vida. Contamos histórias quando narramos um evento que aconteceu conosco para que outros saibam que não estão sozinhos em suas buscas. E o outro também conta sua história para explicar que compreende.

Tomemos o exemplo da jornada do herói proposta por Joseph Campbell (1997). A jornada do herói representa a nossa jornada pessoal de desenvolvimento. Quando lemos ou assistimos a um filme ou peça de teatro que relata a história de alguém, herói ou não, procuramos encontrar nela respostas para os nossos próprios desafios e problemas. E assistimos várias vezes ao mesmo filme ou lemos repetidas vezes o mesmo livro para aprender a lidar com os nossos problemas e obstáculos. Aprendemos com os heróis, pois nos identificamos com eles na busca de nossa própria identidade. Para as crianças e adolescentes o herói representa, simbolicamente, uma amostra do que irão encontrar pela vida. Portanto, as histórias infantis (que na sua origem não eram destinadas para crianças), os contos de fadas e as jornadas dos heróis contêm, pedagógica e didaticamente, processos de ensino-aprendizagem para o desenvolvimento do ser humano.

As etapas da jornada do herói, segundo Joseph Campbell (1997 apud NASSER, 2006), encontradas na grande maioria das histórias e em nossa própria jornada, são:

- 1) A **Partida** (isolamento e rompimento): o chamado da aventura; a recusa ao chamado; o auxílio sobrenatural dado por um ancião ou por uma anciã; a passagem pelo primeiro limiar – o encontro com o guardião; o ventre da baleia ou “a caverna oculta”.
- 2) A **Iniciação**: o caminho das provas; o encontro com a deusa; a mulher como tentação; a sintonia com o pai; a apoteose e a bênção última para o retorno.
- 3) O **Retorno**: a recusa do retorno; a fuga mágica; o resgate com auxílio externo; a passagem pelo limiar do retorno; Senhor de dois mundos e Liberdade para viver.

Tudo começa com o **chamado da aventura**. Esta é a primeira etapa da **Partida**. Esse chamado refere-se a tudo que desestabiliza a situação em que o herói se encontra. O personagem está tranquilamente em sua casa, ou em um lugar que lhe é muito familiar ou fazendo coisas que sempre fez a vida toda, e algo ocorre para mudar tudo. A primeira reação é de **recusa ao chamado**. Ao recusar, torna-se vítima do destino, perde o poder da ação significadora. Neste momento, o herói fica prisioneiro do tempo e do espaço e não se torna sujeito de suas próprias decisões, ele perde sua autonomia. As decisões passam a ser tomadas pela vida que o conduz, e ele não mais conduz sua própria vida. Segundo Leonardo Boff, “se a pessoa não obedecer ao chamado do real, não será fiel ao tempo, nem a ela mesma. E perderá a chance de criar um centro fecundo, convergência das duas escutas: da natureza exterior e da natureza interior” (BOFF, 1997, p. 104).

Ao recusar, normalmente algo ocorre de muito grave, por vezes a morte de alguém muito próximo ou a perda de um amigo ou ainda a doença grave de um ser amado. Esse fato tem a função de impulsionar o herói a reagir, e responder positivamente ao chamado da aventura.

Ao aceitar o chamado e romper com o arquétipo³ paternal, o herói inicia sua trajetória. Nesse momento, ele recebe de uma figura protetora o **auxílio sobrenatural** para superar as provas e obstáculos. Esse auxílio pode vir em forma de um amuleto, de um instrumento dotado de uma força sobrenatural que irá proteger o herói durante sua trajetória. Esse auxílio é, na maioria das vezes, dado por um ancião ou anciã em quem o herói confia.

³ Arquétipo é um conceito de Jung (1964), que significa *energia psíquica*. Essa energia quando recebe uma informação transforma-se em uma imagem ou forma.

De posse do auxílio sobrenatural, o herói precisa passar pelo **primeiro limiar**. No limiar que separa o mundo conhecido do mundo desconhecido está o **guardião**. O guardião conhece tudo dos dois mundos e sabe o que o herói deve fazer, e saberá se ele o enganar, não cumprindo as tarefas. Normalmente, o guardião é uma figura grande, não muito agradável, chegando a ser horripilante para o herói.

Campbell nos apresenta o último momento da partida como sendo o **ventre da baleia**. “A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia” (CAMPBELL, 1997, p. 91).

Assim, o herói transpõe o primeiro limiar e entra no ventre da baleia, que representa todo o espaço em que ocorrerão as transformações, para que, ao retornar, ele renasça. Pode ser o deserto, a selva, o fundo do mar, uma terra estranha. Toda a transformação pela qual o herói irá passar o tornará diferente, havendo um renascimento. A história do Livro de Jonas (LELOUP, 1996, p. 22) ilustra essa imagem arquetípica do ventre da baleia. Jonas recusa-se a ir a Nínive pregar, como Deus havia mandado. Ele foge de barco para Társis. Deus lança um grande vento sobre o mar.

E houve uma tempestade tão grande que todos pensaram que o barco ia naufragar. Os marinheiros tiveram medo e rezaram, cada um a seu deus. [...] Entretanto, Jonas tinha descido ao porão do navio e ali se deitou, dormindo um profundo sono. O capitão foi procurá-lo e lhe disse: “Como podes dormir tão profundamente? Como podes dormir no meio deste desespero que nos faz sucumbir? Levanta-te, desperta, invoca teu Deus. Talvez este teu Deus possa nos ouvir, talvez que, com este teu Deus, não pereçamos.” O tempo passou. E então se disseram uns aos outros: “Nós não vemos uma solução. Joguemos os dados para sabermos por que este mal nos acontece”. Eles lançaram os dados e caiu a sorte sobre Jonas. [...] Jonas lhes disse: “Peguem-me e lancem-me ao mar”. Ele reconheceu que ele era a causa do que lhes acontecia. [...] Os homens puseram-se a remar, energicamente, em direção à costa, e não conseguiram chegar porque o mar se agitava cada vez mais contra eles. Então clamaram Aquele que É, dizendo: “Por favor, Senhor, não nos faças perecer por causa deste homem...”. Então eles pegaram Jonas e o lançaram ao mar. E o mar acalmou a sua fúria. [...] Neste momento, Aquele que É preparou um grande peixe para engolir Jonas. E Jonas esteve nas entranhas do peixe durante três dias e três noites. Nas entranhas do peixe, Jonas rezou a seu Deus,

rezou Àquele de quem fugiu e de onde não mais podia fugir. [...] E, neste momento em que Jonas aceitou o desejo que habitava nele, quando escutou a voz que estava nele, o peixe o vomitou sobre a terra firme (LELOUP, 1996, p. 22).

Toda vez que não atendemos ao chamado da nossa vida, algo acontece para nos alertar do que estamos fazendo.

Temos agora uma nova etapa – a **Iniciação**. Dando início à trajetória, o herói tem pela frente várias etapas, pelas quais pode ou não passar. O caminho percorrido é repleto de obstáculos e batalhas, nos quais a vida e a morte estão em constante luta. O primeiro momento é o **caminho das provas**.

Os obstáculos vão aparecendo, um após o outro, e a cada vitória o herói se fortalece. Para a nossa criança, os obstáculos são: a nova classe, os colegas, as regras de convivência, as informações que precisam ter significado para serem transformadas em conhecimento e, o mais difícil de tudo, a avaliação. Neste momento, o auxílio sobrenatural, o amuleto, tem importância fundamental.

Este é um dos momentos mais importantes, tanto da história infantil como do crescimento da criança, isto é, a conquista da autoconfiança. A criança não mais precisa do cobertor, do ursinho, e o deixa no chão da escola ou o esquece em um lugar qualquer. Nesse momento, a criança descobre sua própria força e inicia sua autonomia.

Campbell apresenta, em seguida, algumas etapas que, por vezes, não aparecem em todas as jornadas. Uma delas diz respeito ao **encontro com a deusa**. Esta etapa aparece nas histórias em que há uma mulher, às vezes uma princesa, e o herói se encontra com ela para seu teste final. “O encontro com a deusa (que está encarnada em toda mulher) é o teste final do talento de que o herói é dotado para obter a bênção do amor (caridade: *amor fati*), que é a própria vida, aproveitada como o invólucro da eternidade” (CAMPBELL, 1997, p. 119). Casando com a deusa, o herói se torna o rei de tudo.

Na sequência, temos **a mulher como tentação**. Na verdade, é a tentação personificada em uma mulher ou em serpente, símbolo feminino da transformação. Em muitas histórias, a mulher aparece para desviar o herói de suas tarefas. Na jornada do herói, há dois tipos de tentação: a da carne, exercida pela sedução; e a do espírito, pelo poder. Em qualquer uma delas, o herói precisa lutar para retornar às suas tarefas. Sua vontade de superar um obstáculo deve ser maior que o desejo de largar tudo para divertir-se.

Uma das etapas mais significativas e que diz respeito à identidade do herói é a **sintonia com o pai**. Na maioria das histórias essa etapa está presente. Ou o herói não conhece o pai e sai em busca dele (Lucas Skywalker, que busca o pai para trazê-lo de volta para o lado claro da Força; Super Homem, que vai em busca da sua identidade e a encontra na Fortaleza que seu pai construiu para ele), ou inicia sua jornada para resgatar o pai que fora raptado, ou ainda, ele vai vingar a morte do pai (Hobin Hood; Batman; Rei Leão).

Quando o herói consegue vencer todas as provas, acontece a **apoteose**. Ele conseguiu cumprir sua missão; venceu seus medos, monstros, perigos e está pronto para receber a **bênção última**, que representa a energia de vida. Ele agora está pronto para retornar.

Porém, o **Retorno**, última etapa da jornada, é um dos momentos mais difíceis para o herói. Tanto que, em um primeiro instante, há a **recusa do retorno**, pois o herói recusa comunicar seus feitos. Ele teme que não acreditem nele, que ele seja ridicularizado e que zombem dele. Afinal de contas, ele saiu de um jeito e está voltando completamente diferente. Ele será aceito? Ele aceitará os outros? Há uma mudança interna que ocorreu – o herói conquistou sua autonomia. Como alguém, uma criança tão pequena, pois era assim que era visto, foi capaz de vencer os desafios tão grandes da vida?

Porém, quando o troféu é obtido com a oposição dos guardiões, ou quando o herói engana o guardião para obter o troféu, ocorre a **fuga mágica**. O herói foge, pois ele trapaceou e o guardião sabe. Ele contratou alguém para buscar a flor mágica que salvaria a princesa e, na verdade, o herói verdadeiro é quem conquistou o troféu com honestidade e dignidade. Quando o “herói” trapaceia, ele não pode passar pelo limiar do retorno e precisa fugir.

Antes do retorno, por vezes o herói não consegue superar os obstáculos e sucumbe ao perigo. Neste momento ocorre o **resgate com auxílio externo**, que é quando o mundo exterior tem que ir ao encontro do herói para recuperá-lo, pois ele não foi capaz de cumprir as tarefas. Ele pode ter ficado preso, ou doente, ou sem forças para continuar. Os amigos aparecem nesta hora, para resgatar o herói.

A última crise pela qual tem que passar o herói é a **passagem pelo limiar do retorno**, que o leva do reino místico à terra cotidiana. Trata-se do momento mais difícil, no qual o herói precisa reunir todas as suas forças.

Ele tem dúvidas sobre seu retorno, teme comunicar seus feitos; não sabe se sobreviverá ao impacto do retorno, pois voltará a uma vida “normal”, diferente de tudo que vivera como herói. Seus amigos irão reconhecê-lo? Ele ainda terá amigos no lugar de onde saiu? Ele mesmo os considerará amigos?

Superada a crise, nosso herói torna-se **Senhor de dois mundos**, mundo conhecido e mundo desconhecido. O herói tornou-se mais que humano, e com isso conquista a **Liberdade para viver**, ou seja, a autonomia e liberdade para realizar escolhas.

Assim, ao término de sua jornada, o herói retorna modificado. Essas mudanças ocorrem no mundo interior do herói e assemelham-se à construção do ser humano.

Trabalhar com a jornada do herói é muito rico e os estudantes se envolvem com muita facilidade. A batalha entre o Bem e o Mal, com os devidos cuidados ideológicos, e considerando o Mal como tudo o que destrói e impede o desenvolvimento do ser humano; a superação dos obstáculos; a busca pela Justiça e a força da Fé, com certeza são temas para o Ensino Religioso, pois tratam da relação de transcendência.

Assim...

Era uma vez, muitos anos atrás, em uma terra distante, um Homem que sonhou com um mundo de paz...

Referências

BEAINI, T. C. **Máscaras do tempo**. Petrópolis: Vozes, 1994.

BOFF, L. **A águia e a galinha**: uma metáfora da condição humana. Petrópolis: Vozes, 1997.

BUBER, M. **Eu e tu**. Tradução e introdução de Newton Aquiles Von Zuben. São Paulo: Cortez & Moraes, 1977.

CAMPBELL, J. **O herói de mil faces**. 10. ed. São Paulo: Pensamento, 1997.

DAMÁSIO, A. **O mistério da consciência**: do corpo e das emoções à consciência de si. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.

DOMINGUES, I. **O fio e a trama**: reflexões sobre o tempo e a história. São Paulo: Iluminuras; Minas Gerais: Ed. UFMG, 1996.

ELIADE, M. **Mito e realidade**. 3. ed. São Paulo: Perspectiva, 1991.

JUNG, C. G. **O homem e seus símbolos**. Tradução de Maria Lucia Pinho. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1964.

KRISTEVA, J. **El lenguaje, ese desconocido**: introducción a la lingüística. Traducción de María Antoranz. Madrid: Fundamentos, 1988.

LELOUP, J-Y. **Caminhos da realização**. 12. ed. Petrópolis: Vozes, 1996.

NASSER, M. C. de Q. C. **O que dizem os símbolos?** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **O uso de símbolos**: sugestões para sala de aula. São Paulo: Paulinas, 2006.

REHFELD, W. **Tempo e religião**. São Paulo: Perspectiva; EDUSP, 1988.

VAZ, H. C. de L. **Antropologia filosófica II**. São Paulo: Loyola, 1992.

_____. **Antropologia filosófica I**. 4. ed. São Paulo: Loyola, 1998.

VYGOTSKY, L. S. **Pensamento e linguagem**. Tradução de Jeferson Luiz Camargo. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1989.

Recebido: 15/03/2010

Received: 03/15/2010

Aprovado: 25/05/2010

Approved: 05/25/2010